



EDUCAÇÃO E FILOSOFIA EPICURISTA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO ÉTICA

Organizador:
Felipe Barnabé Batista

EDITORA
OMNIS SCIENTIA





EDUCAÇÃO E FILOSOFIA EPICURISTA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO ÉTICA

Organizador:
Felipe Barnabé Batista

EDITORA
OMNIS SCIENTIA



Editora Omnis Scientia

EDUCAÇÃO E FILOSOFIA EPICURISTA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO ÉTICA

Volume 1

1ª Edição

RECIFE - PE

2024

Editor-Chefe

Dr. Daniel Luís Viana Cruz

Organizador

Felipe Barnabé Batista

Conselho Editorial

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho – ESS-UTAD – Portugal

Dr. Cássio Brancaleone – UFFS – Brasil

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva – UEPa – Brasil

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão – UPE – Brasil

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior – UFRPE – Brasil

Dr. Wendel José Teles Pontes – UFPE – Brasil

Editores de Área - Ciências Humanas

Dr. Antônio Nolberto de Oliveira Xavier

Dr. Cássio Brancaleone

Dr. José Edvânio da Silva

Dr. Santiago Andrade Vasconcelos

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva e Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e
confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

E24 Educação e filosofia epicurista : caminhos para a formação ética : volume 1 [recurso eletrônico] / organizador Felipe Barnabé Batista. — 1. ed. — Recife : Omnis Scientia, 2024.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-6036-645-9

DOI: 10.47094/978-65-6036-645-9

1. Epicuro – Crítica e interpretação. 2. Epicuristas (Filosofia grega). 3. Educação e Filosofia. 4. Ética (Filosofia). I. Batista, Felipe Barnabé.

CDD23: 187

Bibliotecária: Priscila Pena Machado – CRB-7/6971

Editora Omnis Scientia

Av. República do Líbano, nº 251, Sala 2205, Torre A,
Bairro Pina, CEP 51.110-160, Recife-PE.

Telefone: +55 87 99914-6495

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



APRESENTAÇÃO

Neste livro são explorados os ensinamentos de Epicuro e como podem ser aplicados para promover uma educação que vai além do ensino técnico e formal, incorporando o bem-estar emocional, a felicidade e a ética na formação dos alunos. O epicurismo, com seu foco na moderação dos prazeres e na tranquilidade da mente, é apresentado como uma ferramenta essencial para repensar as práticas pedagógicas contemporâneas.

O primeiro capítulo discute a importância de uma educação que ajude os alunos a superarem seus medos e ansiedades, destacando a física epicurista como base para o desenvolvimento do pensamento crítico. O capítulo destaca como a compreensão da natureza e a eliminação dos temores irracionais, como o medo da morte, podem contribuir para a formação de indivíduos mais equilibrados e emocionalmente estáveis.

No segundo capítulo o foco está na aplicação da ética epicurista como um guia para a felicidade na educação. O autor explora o “quádruplo remédio” de Epicuro — uma filosofia que promove a paz de espírito e a ausência de dor — e como esses princípios podem ser utilizados como ferramentas pedagógicas eficazes para ajudar os alunos a alcançar um estado de equilíbrio e serenidade em suas vidas (Livro).

O terceiro capítulo investiga o valor da amizade e da moderação como princípios educacionais fundamentais, segundo a filosofia epicurista. A obra sublinha que a formação de relações saudáveis entre educadores e alunos, além de um enfoque na ética e na moderação dos prazeres, são elementos essenciais para a construção de uma educação humanizada e significativa.

Com base nessas reflexões, o livro propõe que a educação pode se beneficiar enormemente da integração dos ensinamentos de Epicuro, criando um ambiente de aprendizado que valoriza o equilíbrio entre o conhecimento acadêmico e o desenvolvimento emocional dos indivíduos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....8

EDUCAÇÃO: O EPICURISMO COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE VALORES EDUCACIONAIS

Felipe Barnabé Batista

DOI: 10.47094/978-65-6036-645-9/8-18

CAPÍTULO 2.....19

EDUCAÇÃO: FILOSOFIA, ÉTICA E LIBERTAÇÃO DOS MEDOS

Felipe Barnabé Batista

DOI: 10.47094/978-65-6036-645-9/19-27

CAPÍTULO 3.....28

EDUCAÇÃO: EPICURO E A BUSCA PELA FELICIDADE

Felipe Barnabé Batista

DOI: 10.47094/978-65-6036-645-9/28-41

EDUCAÇÃO: O EPICURISMO COMO FERRAMENTA PARA FORMAÇÃO DE VALORES EDUCACIONAIS

Felipe Barnabé Batista.

Palmas, Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/7047035686643104>

RESUMO: O artigo aborda a transformação sociopolítica e filosófica na Grécia clássica e helenística, destacando o papel da polis e o declínio de sua função unificadora. Na Grécia clássica, a cidadania e o bem comum eram ideais que regiam a vida em comunidade, com foco na política e na temperança. Com a dispersão do mundo grego no período helenístico, surgem novos agrupamentos e o individualismo predomina, refletindo a fragmentação política e a perda de valores comunitários. O texto analisa a separação entre ética e política, destacando o desenvolvimento de uma ética individualista. O surgimento de novas escolas filosóficas, como o epicurismo, é contextualizado como resposta às novas questões morais e à busca pela felicidade individual. Epicuro é apresentado como um pensador que promoveu uma filosofia acessível, sem distinções sociais, e valorizou a amizade como fundamento ético. A difusão do pensamento helenístico e sua influência oriental são discutidas, assim como o impacto das escolas filosóficas que moldaram as bases do pensamento moral da época. A filosofia epicurista se destaca por seu enfoque na moderação dos prazeres e na paz interior, desafiando as frustrações humanas e propondo um modelo de vida harmonioso para seus seguidores.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro. Polís. Filosofia.

EDUCATION: EPICUREANISM AS A TOOL FOR THE FORMATION OF EDUCATIONAL VALUES

ABSTRACT: The article addresses the sociopolitical and philosophical transformation in Classical and Hellenistic Greece, highlighting the role of the polis and the decline of its unifying function. In Classical Greece, citizenship and the common good were ideals that governed communal life, with a focus on politics and temperance. With the dispersion of the Greek world during the Hellenistic period, new groupings emerged, and individualism predominated, reflecting political fragmentation and the loss of communal values. The text analyzes the separation between ethics and politics, emphasizing the development of an individualistic ethics. The emergence of new philosophical schools, such as Epicureanism,

is contextualized as a response to new moral questions and the search for individual happiness. Epicurus is presented as a thinker who promoted an accessible philosophy, without social distinctions, and valued friendship as an ethical foundation. The diffusion of Hellenistic thought and its Eastern influence are discussed, as well as the impact of philosophical schools that shaped the foundations of moral thought of the time Epicurean philosophy stands out for its focus on moderation of pleasures and inner peace, challenging human frustrations and proposing a harmonious model of life for its followers.

KEY-WORDS: Epicurus. Polis. Philosophy.

INTRODUÇÃO

A Grécia antiga foi o berço de inúmeras transformações políticas, sociais e filosóficas que moldaram o pensamento ocidental. No período clássico, a pólis grega representava o centro dessas transformações, sendo o espaço onde se articulavam os conceitos de cidadania, política e o bem comum. A vida comunitária era regida por ideais de temperança e participação ativa na política, criando uma sociedade coesa que se identificava com a coletividade e o ideal de virtude cívica. Entretanto, essa estrutura começou a se fragmentar com as mudanças ocorridas no período helenístico, quando a pólis perdeu seu papel central.

Com a expansão territorial de Alexandre, o Grande, e a consequente dispersão do mundo grego, o individualismo ganhou força, resultando em uma fragmentação tanto política quanto moral. A antiga unidade da pólis foi substituída por um novo cenário em que os indivíduos buscavam formas alternativas de entendimento do mundo e de si mesmos. Nesse contexto, surgem novas questões filosóficas que se distanciam da preocupação coletiva e política, dando lugar a uma ética mais individualista. A separação entre ética e política torna-se evidente, refletindo a necessidade de novas abordagens para lidar com as ansiedades e desafios da nova ordem social.

É nesse panorama de mudanças que florescem novas escolas filosóficas, entre elas o epicurismo. Epicuro, em particular, oferece uma visão inovadora ao priorizar o bem-estar individual e a busca pela felicidade pessoal, sem distinções sociais, propondo uma filosofia acessível a todos. Sua filosofia enfatiza a importância da amizade e da moderação dos prazeres como caminhos para alcançar a paz interior e uma vida plena, desafiando a instabilidade emocional e as frustrações geradas pelas mudanças sociopolíticas do período. A proposta de Epicuro ganha relevância ao tratar de questões existenciais que se tornam ainda mais prementes em um mundo marcado pela incerteza.

Por fim, o impacto do pensamento epicurista se estendeu para além da Grécia, influenciando diversos aspectos do pensamento moral da época e deixando um legado duradouro. A fusão do pensamento helenístico com influências orientais também contribuiu para a difusão dessas ideias. A filosofia de Epicuro, com seu foco na moderação e na harmonia, oferece um modelo de vida que se distingue pelo seu pragmatismo e acessibilidade,

tornando-se uma resposta valiosa às frustrações e anseios do período helenístico

REFERENCIAL TEÓRICO

Na Grécia clássica, a vida do homem regia-se pela política que, por sua vez, procurava abranger a todos e passava temperança à comunidade. O povo tinha como ideal a cidadania; se entendiam como uma unidade em busca do que é útil para a Cidade-Estado. O bem comum e a amizade, mesmo não sendo por obrigação, aparecia como um objetivo acuradamente necessário.

Com o helenismo, o mundo grego se dispersa em agrupamentos e não mais em uma comunidade de cidadãos. Prevalece, desde modo, o individualismo de um povo que fora subjugado. Nesse período, a polis (πόλις) perde sua categoria unificadora, passando a vigorar o convívio com outros povoados, línguas e outros recortes étnicos. Nesta multiplicidade, abriga-se a divergência de pensamentos. Pensamentos que se desdobram em discussões acerca de ciência e filosofia.

Naquele recorte historiográfico, pode-se acompanhar o surgimento de novos Estados e uma desvalorização do monarquismo legado por Alexandre, acarretando desesperança e instabilidade aos governos. Registra-se o declínio de um organismo político, nomeadamente, em Atenas. A vida do homem clássico deixa de ser independente e a convivência torna-se conflituosa. Redimensionado, o indivíduo deixa de ser necessário à sociedade, como antes acontecia, transformando a harmonia da polis e suprimindo a vertente sociopolítica fortemente praticada pelos gregos.

Reale (2007, p. 250-251) comenta aquele momento no qual o homem grego voltase ao “ideal cosmopolita”:

Em 146 a.C., a Grécia perde totalmente a liberdade, tornando-se província romana. O que Alexandre sonhou, os romanos o realizaram de outra forma. E assim o pensamento grego, não vendo uma alternativa positiva à polis, refugiou-se no ideal do “cosmopolitismo”, considerando o mundo inteiro uma cidade, a ponto de incluir nessa Cosmópolis não só os homens, mas também os deuses. Desse modo, dissolve-se a antiga equação entre homem e cidadão; e o homem é obrigado a buscar sua nova identidade.

Ocorre então uma “revolução emblemática” no pensamento grego. Há um direcionamento para os interesses de poucos homens no poder, quando “as novas formas políticas, nas quais o poder é mantido por um só ou por poucos, permitem sempre mais a cada um forjar a seu modo a própria vida e a própria fisionomia moral”. Vê-se, portanto, que tais pressupostos prontificam o entendimento de que a insubordinação do homem com a

política refletiu-se no afloramento do indivíduo. “E, como é óbvio, na descoberta do indivíduo cai-se, às vezes, nos excessos do individualismo e do egoísmo. Mas a revolução tinha tal importância que não era fácil mover-se com equilíbrio na nova direção”, como descreve Reale (2007, p. 251).

Esse direcionamento é classificado como um distanciamento da “ética e da política”, divinamente pronunciado por Reale (2007, p. 251):

Como consequência da separação entre o homem e o cidadão, nasce a separação entre “ética” e “política”. A ética clássica, até Aristóteles, baseava-se no pressuposto da identidade entre homem e cidadão; por isso, baseava-se na política e até subordinava-se a ela. Pela primeira vez na história da filosofia moral, na época helenística, graças à descoberta do indivíduo, a ética se estrutura de maneira autônoma, baseando-se no homem como tal, na sua singularidade. As tentações e as concessões egoístas [...] são precisamente a exasperação dessa descoberta.

Todo esse processo desdobra um distanciamento das doutrinas gregas. Até mesmo os conhecimentos amplamente difundidos pelos clássicos, como os ensinamentos de Platão (427-346 ou 347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), adormecem na obscuridade. Superava-se o tempo das grandes construções especulativas: Platão havia morrido (347 a. C.) sete anos antes de Epicuro; Aristóteles em 322 a.C. Apesar da proximidade destes acontecimentos, “nenhum metafísico original lhes tinha sucedido”. Assim, o pensamento grego manifestava “numerosos sinais de lassidão”. Todos os filósofos que permaneceram a difundir os conhecimentos clássicos na Academia e no Liceu não tinham iniciativa e “cada vez amesquinhavam mais as doutrinas de seus mestres”. Já não havia qualquer interesse pelas questões voltadas à vida prática (JOYAU, 1988, p. 07-08).

Naquele momento, o pensamento helênico volta-se à valorização das ciências naturais, a observação, a análise. Por sua vez, especificamente em Atenas, há uma preocupação mais atenuante em resolver os problemas morais dos homens. Já em Alexandria, os estudos científicos ganham contornos mais analíticos e empíricos, contestando, em sua grande parte, os velhos ensinamentos metafísicos.

Reale (2007, p. 252) consagra

A cultura “helênica”, com sua difusão entre os vários povos e raças, torna-se “helenística”. Essa difusão comportou, fatalmente, perda de profundidade e pureza. Entrando em contato com tradições e crenças diversas, a cultura helênica devia fatalmente assimilar alguns de seus elementos. Fez-se sentir a influência do Oriente. E os novos centros de cultura, tais como Pérgamo, Rodas e, sobretudo Alexandria, com a fundação da Biblioteca e do Museu, graças aos Ptolomeus, acabaram por

ofuscar a própria Atenas. Se Atenas conseguiu permanecer a capital do pensamento filosófico, Alexandria tornou-se inicialmente o centro no qual floresceram as ciências particulares [...] compreende-se assim que o pensamento helenístico tenha se concentrado, sobretudo nos problemas morais, que se impõe a todos os homens. E ao propor os grandes problemas da vida e algumas soluções para os mesmos, os filósofos dessa época criaram algo de verdadeiramente grandioso e excepcional. O cinismo, o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo propuseram modelos de vida nos quais os homens continuam a se inspirar ainda durante outro meio milênio e que, ademais, tornaram-se paradigmas espirituais.

É exatamente dentre os muitos sábios da época revoltos nesse novo interesse intelectual que surge a filosofia epicuriana. Busca-se, então, compreender as dificuldades do homem. De fato, a primeira das grandes Escolas helenísticas, cronologicamente, foi a de Epicuro, que aparece em Atenas no final do século IV a. C. (REALE, 2007, p. 259).

Ali, cresce e se difunde, estreitando a busca da paz pela moderação dos prazeres e desafiando as remotas frustrações humanas. Epicuro (341-271 ou 270 a.C.) veio ao mundo no ano terceiro da 109ª Olimpíada, na cidade de Samos. Embora tenha nascido naquela polis, a exemplo de Pitágoras (570-495 a.C.), o pensamento dos dois não demonstra qualquer aproximação ideológica. O filósofo tinha como pai Néocles, que era mestre-escolar, e Querétrata, a mãe, que exercia o cargo de curandeira e advinha. Costumeiramente “o filho acompanhava-a e recitava as fórmulas propiciatórias”. Essa relação o aproxima das “superstições populares e os males que causa a credulidade dos homens” (JOYAU, 1988, p. 03).

Na verdade, Epicuro teria se interessado pela filosofia do acadêmico Pânfilo, dos 14 aos 18 anos e, mais tarde, o pai dele o encaminha para a cidade de Teo. Lá, o aprendiz de filósofo encontra Nausífanos (350-290 a.C.), discípulo de Demócrito (460-370 a.C.), passando a conhecer os ensinamentos sobre o atomismo (JOYAU, 1988, p.03).

Epicuro é um pensador precoce que procura diferentes escolas para se orientar. Busca no atomismo de Demócrito a grande inspiração para delimitar um conceito de física e ética; grande parte de sua doutrina. Mesmo as filosofias anteriores estando ainda presentes pelo teor vastamente estudado (Platão e Aristóteles), o filho de Néocles não daria muita importância àqueles conhecimentos. Por percorrerem caminhos alheios aos dele, não demonstra qualquer interesse que possa se orientar em sua filosofia.

Seguindo os trilhos do pai, ele se torna mestre das letras, inaugurando uma escola de filosofia em Lâmbaco, onde ficou por alguns anos. Todos os seus primeiros discípulos eram dali. Depois, muda-se para Mitilene e abre outra escola. Em Colofonte, repete o feito, porém, não consegue um grande número de seguidores, por isso, tantas mudanças. E, só então, aos 36 anos de idade, fixa-se em Atenas (306 a.C). Ali, adquire uma casa com jardins, 11 bem perto da extremidade do subúrbio, na qual passa a ministrar aulas ao ar

livre (JOYAU, 1988, p. 03-04).

Durvernoy (1993, p. 17) refere a um fato que possivelmente o fez adquirir uma propriedade em Atenas e passar a ministrar aulas naquela vivenda:

Um segundo acontecimento acentuou o caráter marginal de sua filosofia, e de seu estilo de vida, depois de sua instalação em Atenas em 306. Mesmo ateniense, a vida de Epicuro sempre foi periférica. Se o Jardim era uma propriedade privada, era também para escapar à proibição de ensinar em público, provavelmente. O decreto pró-macedônio de Sófocles de Súnia (307), que dava poderes ao ginasiarca para proibir o magistério público dos filósofos indesejáveis, fora revogado em 306, quando Demétrio Poliocertes conquistara a cidade: foi precisamente nessa época, provavelmente depois da revogação, que Epicuro comprou a propriedade e nela se fixou.

Assim, a escola epicurista de Atenas é logo denominada de *kepos/κηπος* (jardim). “O jardim estava longe do tumulto da vida pública cidadã e próximo do silêncio do campo, aquele silêncio e aquele campo que não diziam nada para os filósofos clássicos”, porém, “se revestiam de grande importância para a nova sensibilidade helenística” (REALE, 2007, p. 259).

O certo é que, naquele grupo, circundado pelo famoso jardim, “vicejava uma autêntica comunidade”. Em comunhão, “mestre e discípulos viviam de maneira quase ascética” e consumiam unicamente “as hortaliças que eles próprios cultivavam às quais acrescentavam apenas pão e água, ou ainda queijo em ocasiões especiais” (LORENCINE; CARRATORE, 2002, p. 10).

Considerado por muito uma pessoa amável, Epicuro demonstra ser bom para todos; um sábio que promove com delicadeza e compaixão as maneiras do bom viver, nunca se alterando e sempre de natureza terna. A amizade na prática epicurista molda-se sob justa medida e nunca ultrapassa os limites dos princípios básicos de virtude da sua filosofia (JOYAU, 1988, p. 04).

A respeito da amizade, o sábio, em Sentenças Vaticanas (SV), segue enunciando: “Se prescindirmos da contemplação, da conversa e trato com as pessoas queridas se desvanece toda paixão do amor”. E mais: “Toda amizade é por si mesma desejável, porém recebe sua razão de ser da necessidade de ajuda”. Cada ser humano, portanto, precisa um do outro. “Não se deve dar por bons nem aos predispostos à amizade, nem aos lentos para aceitá-la, mas que é mister ganhar a satisfação da amizade ainda que seja às custas de certos riscos”. E continua: “A amizade percorre o mundo inteiro proclamando a todos que se despertem imediatamente para a felicidade”. Por fim, conclui: “Não é chorando que compartilhamos os sentimentos dos amigos, mas preocupando-nos realmente com eles”

(SV 18, 23, 28, 52, 66).

Conforme apura Reale (2007, p. 252), o pensador de Samos não só lidava de forma familiar os escravos, como também os desejará participantes do seu ensinamento. Buscava Epicuro abranger a todos que desejassem aprender sua filosofia.

Durvernoy (1993, p. 10) também confirma esse modelo de ensino, sem preconceitos, quando afirma:

Os doxógrafos da Antiguidade registram desde o início, como um traço raro e característico, o estranho paradoxo dessa filosofia “popular”, [...] oferecido a todos: às mulheres como aos homens, aos escravos tanto quanto aos homens livres, às crianças, aos estrangeiros e aos helenos. Nenhuma narração se esquece de nos falar de Leontion, a cortesã, discípula e amante. Assim, há pouca comparação possível com os círculos platonizantes, ou com o estoicismo mais aristocrático.

Desta forma, percebe-se nessa filosofia que, aparentemente, todos são iguais, porque todos “aspiram à paz de espírito”. Todos teriam direito a paz. Todos podem atingi-la, se quiserem. Essa busca pela harmonia dos menos favorecidos da época traduz uma nova forma de filosofar. “O jardim quer abrir suas portas para todos: nobres e não-nobres; livres e não-livres; homens e mulheres; e até para prostitutas em busca de redenção”, explica Reale (2007, p. 260). Em Sentenças Vaticanas 15 (SV 15), o próprio filósofo aponta:

Apreciamos nosso comportamento exatamente da mesma forma que qualquer outra coisa de nossa exclusiva propriedade, agimos da mesma forma se são bons e causamos por isso a inveja de muita gente. Pois bem, outro tanto interessa fazer com os do próximo, se este é razoável.

Muitas pessoas deste período viam os epicuristas de maneira vulgar e preconceituosa por conta dessa nova comunidade diversa que ali surgia. Porém, estavam enganados. Para entender um pouco mais desse amor ao próximo, Durvernoy (1993, pg. 18) acrescenta:

Os laços de amizade fazem parte da sabedoria. O sábio epicurista não é um homem isolado: a amizade não é, pois, para ele um acidente feliz, mas a constituição, por ele mesmo e com outros, de um cosmo com sentido, sentido que não é recebido (a existência dos compostos humanos que nós somos não tem mais sentido em si mesma do que a existência de qualquer outro composto), mas construído. A vida do sábio não pode ter sentido se não for uma relação com outros sábios. Os laços que os amigos tecem entre si são as únicas leis que têm sentido no universo. Eles vão

além dos “contratos” e das “conversões” que ligam os homens nas sociedades em geral, dando nascimento ao direito (justo-justiça).

A amizade torna-se, assim, uma característica do homem sábio. Do pensador, emanam as fortes ideias sintéticas que dão tom àquela temperatura cultural. Essa qualidade intensifica a busca dos discípulos em conviver com o mestre. “Embora cada escola helenística carregasse o termo com conotações próprias, o denominador comum para todas foi o da superioridade do sábio em relação às coisas e aos acontecimentos, que, graças à sua virtude, ele pode perfeitamente dominar” (REALE, 2007, p. 252).

Epicuro é compreensível, acessível a todos, portanto, possível notar que atenuava uma peculiaridade naquela época. Seus estudos comportam uma série de fundamentos que eram difundidos a seus amigos no Jardim. Reale (2007, p. 259-260), indica sucintamente alguns de seus conceitos:

A palavra que vinha do Jardim pode ser resumida em poucas preposições gerais: a) a realidade é perfeitamente penetrável e cognoscível pela inteligência do homem; b) nas dimensões do real existe espaço para a felicidade do homem; c) a felicidade é falta de dor e de perturbação; d) para atingir essa felicidade e essa paz, o homem só precisa de si mesmo; e) não lhe servem, portanto, a Cidade, as instituições, a nobreza, as riquezas, todas as coisas e nem mesmo os deuses: o homem nem é perfeitamente “autárquico”.

É comum para o filósofo e seus discípulos a fraternidade. Epicuristas são mais que pupilos: acima de todo tipo de contexto social, apresentavam-se como amigos. Na escola, tolera-se até mesmo a presença de todos. Não se via nele “um mestre rodeado de discípulos, mas um grupo de amigos que filosofavam juntos”. A influência marcante que Epicuro imprimiu sobre os discípulos deve-se “ao ascendente da sua personalidade mais que as suas doutrinas” (JOYAU, 1988, p. 04).

Grande exemplo de amizade do mestre com o pupilo advém da relação com Metrodoro (331-277 a. C.). Ele se tornou amigo de Epicuro desde quando vivia em Lâmpsaco. O discípulo-amigo resolve dedicar a vida a acompanhar o professor. Apesar de ter morrido com uma idade já avançada, seus filhos ficam aos cuidados de Epicuro até o fim da vida:

Metrodoro de Lâmpsaco, a quem Cícero chama “quase um outro Epicuro” e a quem o próprio mestre tinha conferido o título de Sábio. São algumas vezes apresentados como sendo dele os fragmentos de um tratado Acerca das Sensações publicado no tomo sexto dos papiros de Herculano, mas a atribuição é duvidosa. Metrodoro morreu sete anos antes de Epicuro, que não deixou de lhe cuidar dos filhos. Existe um Louvre um busto de Epicuro com duplo rosto, representando de um lado o mestre, do outro o discípulo inseparável. (JOYAU, 1988, p. 06).

Após a morte de Epicuro, não há grandes mudanças nos hábitos dos epicuristas. Essa escola vangloria-se como uma das únicas que, até a atualidade, se mantém próxima os seus conceitos originais. Mesmo assim, muitos intelectuais de escolas diferentes os incriminavam de adorarem o mestre com uma divindade. A “extrema docilidade dos epicuristas”, observa Joyau (1988, p. 06-07), deu motivo a uma singular acusação: “censuraram-nos de terem considerado Epicuro como um deus e de o terem adorado”.

Naquela pequena sociedade, praticavam-se ritos; realizavam-se reuniões para festas; celebravam-se estátuas. Os discípulos traziam sempre sobre eles sua imagem ou um anel, como os escravos forros. Defendiam que ele era bem digno do seu nome de auxiliador (epikourios). Alguns realmente o adoraram. A maior parte tratava sua filosofia como um tratamento dos males da alma.

Mas essa filosofia criada por Epicuro foi memoravelmente sucedida nos séculos que se passaram? O que ocorreu após a morte do mestre? Sabe-se que, “os estudiosos se sucederam em Atenas depois da morte de Epicuro (271/270 a.C.) até a primeira metade do séc. I a.C”. Entretanto, na segunda metade daquele século, o terreno no qual se sedimentara a Escola de Epicuro foi vendido: o “jardim” estava morto em Atenas (REALE 2007, p. 273).

Reale (2007, p. 273) destaca:

A palavra de Epicuro encontraria uma segunda pátria na Itália. No séc. I a.C., por obra de Filodemo de Gadara (nascido por volta de fins do séc. II a. C. e morto entre 40 e 30 a.C.), constitui-se um círculo de epicuristas, de caráter aristocrático, que teve sua sede em uma vila de Herculano, de propriedade de Calpúrnio Pisão, notável e influente político (foi cônsul em 58 a.C.) e grande mecenas. As escavações realizadas em Herculano levaram à redescoberta dos restos da vila e da biblioteca, constituída por escritos epicuristas e do próprio Filodemo. Mas a contribuição mais significativa para o Epicurismo veio de Tito Lucrécio Caro, que constituiu um unicum na história da filosofia de todos os tempos.

Nasceu no início do séc. I a.C., morreu por volta de meados desse século. O seu *De rerum natura*, que canta em versos admiráveis o pensamento de Epicuro, constitui o maior poema filosófico de todos os tempos.

No entendimento de alguns estudiosos, o poema do filósofo latino Titus Lucretius Carus (99-55 a.C.) chegou a equiparar Epicuro aos deuses, posicionando-o acima de Hércules ou de Ceres. Em *De rerum natura*, Lucretius sugere que haveria menções crédulas ao epicurismo. Porém, Joyau (1988, p. 06) não vê outra coisa que “não seja um brilhante desenvolvimento poético”. Para ele, “o que o resto do poema nos faz conhecer do caráter e dos sentimentos do autor não nos permite ter dúvidas sobre o sentido destas expressões”.

Uma coisa é certa: o epicurismo sobrevive também na era imperial, embora sem apresentar inovações. O documento mais significativo que atesta essa vitalidade pode ser encontrado no grandioso livro mural que Diógenes de Enoanda (na Ásia Menor) mandou esculpir (séc. II d.C). Mesmo assim, no século seguinte, o epicurismo se extinguiu. (REALE 2007, p. 273).

CONCLUSÃO

No decorrer dos séculos as obras do mestre do Jardim foram se perdendo no tempo. De acordo com Diógenes Laércio, a obra de Epicuro compreendia cerca de trezentos títulos: somente *Sobre a Natureza* compreenderia 37 livros. Dessa grande quantidade de escritos, todavia, pouco restou.

Sobre a grande dificuldade em ter acesso aos textos completos, “Diógenes Laércio conservou uma Carta a Heródoto (que trata da física), uma Carta a Pítocles (de autenticidade contestada e tratando dos meteoros) e uma Carta a Meneceu (sobre a moral)”. Essas obras conservadas por Diógenes Laércio aparecem divididas em cartas de 40 sentenças atribuídas a Epicuro e conhecidas sob a denominação de *Máximas Principais*.

Com o passar do tempo, nenhuma obra relacionada ao epicurismo foi descoberta. Em 1888, K. Wotke descobriu, num manuscrito depositado na grandiosa Biblioteca do Vaticano, 81 *Máximas* de Epicuro. Entretanto algumas delas já se encontravam inseridas nas *Máximas Principais*. Escavações realizadas em Herculano trouxeram à luz uma biblioteca epicurista, contendo inclusive o *De Rerum Natura* (JOYAU, 1988, p. XIII).

Das poucas obras que sobreviveram ao tempo, lê-se o pensamento epicurista a partir de uma sistematização que se divide em canônica (lógica), física e ética. Tais concepções serão esclarecidas no decorrer do texto.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRAATZ, Jean Dionísio. **O Pensamento Ético em Epicuro**. Dissertação (Mestrado). Curitiba: PUC, 2007.
- DURANT, Will. **História da Civilização 2**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Rio de Janeiro: JorgeZahar Editor, 1993.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. **Sentenças Vaticanas/Máximas Capitais**. Tradução de João Quartim de Morães. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- JOYAU, E. “**Epicuro, antologia de textos**” in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- VAZ, Henrique C. de. **Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- LORENCINI, Álvaro; CARRATORE, Enzo Del. “**Introdução**” in **Epicuro**: Carta sobre a felicidade (a Meneceu). 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.
- LUCRETIUS CARO, Tito. **De Rerum Natura**., in Tradução e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. Coleção Pensadores: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- NALINE, José Renato. **Ética geral e profissional**. 7ª Ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga 1. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- RIBBECK, G. “**Tito Lucrecio Caro, da natureza**” in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

EDUCAÇÃO: FILOSOFIA, ÉTICA E LIBERTAÇÃO DOS MEDOS

Felipe Barnabé Batista.

Palmas, Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/7047035686643104>

RESUMO: O texto discute as contribuições do pensamento de Epicuro para a educação, destacando a busca pela felicidade como objetivo central não apenas da vida humana, mas também do processo educativo. Segundo Epicuro, a felicidade é alcançada por meio da eliminação da dor e da busca por prazeres moderados, o que pode ser interpretado como a promoção de uma educação voltada para o bem-estar emocional e o equilíbrio entre o conhecimento e o desenvolvimento pessoal. A física epicurista, derivada do atomismo de Demócrito, ensina que a compreensão da natureza, por meio de uma abordagem materialista, é fundamental para a formação do pensamento crítico nos alunos, focando nos princípios da ciência e na observação racional da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Epicuro. Filosofia

EDUCATION: PHILOSOPHY, ETHICS, AND LIBERATION FROM FEARS

ABSTRACT: The text discusses the contributions of Epicurus' thought to education, highlighting the pursuit of happiness as the central goal not only of human life but also of the educational process. According to Epicurus, happiness is achieved through the elimination of pain and the pursuit of moderate pleasures, which can be interpreted as the promotion of an education focused on emotional well-being and a balance between knowledge and personal development. Epicurean physics, derived from Democritus' atomism, teaches that understanding nature through a materialistic approach is fundamental for shaping students' critical thinking, emphasizing the principles of science and rational observation of reality.

KEY-WORDS: Epicurus. Polis. Philosophy.

INTRODUÇÃO

A educação, ao longo da história, sempre buscou respostas para questões fundamentais da existência humana, e a filosofia tem desempenhado um papel central nesse processo. Entre os diversos filósofos que moldaram o pensamento ocidental, Epicuro destaca-se por propor uma visão única da vida, centrada na busca pela felicidade, na eliminação dos medos e na libertação das amarras que impedem o ser humano de viver plenamente. Sua filosofia ética,

em conjunto com sua física materialista, oferece uma abordagem inovadora para entender não apenas o mundo ao nosso redor, mas também nosso papel e responsabilidades como indivíduos na sociedade.

No contexto educacional, o pensamento epicurista pode ser uma ferramenta poderosa para repensar a forma como os seres humanos compreendem a si mesmos e suas relações com o conhecimento e o mundo. A pedagogia tradicional muitas vezes se foca na transmissão de conteúdos prontos, desconsiderando o desenvolvimento crítico e a busca individual pela felicidade e pela liberdade. Epicuro, ao enfatizar o conhecimento dos princípios naturais e a prática ética como caminho para a felicidade, convida os educadores e educandos a adotar uma postura mais reflexiva e transformadora diante da realidade.

Além disso, a visão epicurista sobre o medo e a morte apresenta uma contribuição significativa para a educação contemporânea, especialmente no que diz respeito à formação de indivíduos livres de dogmas e superstições que limitam o potencial humano. Ao propor que a morte não deve ser temida, pois é apenas o fim das sensações, Epicuro fornece uma perspectiva libertadora que pode ser incorporada nas discussões educacionais sobre o sentido da vida, o bem-estar psicológico e o papel do conhecimento na superação das angústias existenciais.

Este artigo, portanto, pretende explorar a filosofia de Epicuro como uma base para reflexões educacionais, destacando como seus conceitos de prazer, liberdade, amizade e o conhecimento da natureza podem contribuir para uma educação mais humanizadora e emancipadora.

REFERENCIAL TEÓRICO

O pensamento de Epicuro advoga que a principal meta do homem é a busca da felicidade. Afasta-se a dor para atingir o prazer moderado. De fato, o pensador de Samos não abarca na sua filosofia conceitos da retórica, da aritmética e da geometria. Considerava que esse tipo de especulação intelectual não poderia conduzir à plena felicidade. A física professada pelo mestre busca identificar os fundamentos da natureza que são realmente importantes para o homem.

O filósofo volta-se às condições enunciadas na canônica (como as sensações e as antecipações) para elaborar o papel da física na vida do homem grego. Vale lembrar que a palavra grega *physis/Φυσις* significa “a natureza das coisas” (não confundir *physis* com o mundo/*cosmo/κόσμος*). Assim, o discurso da física enuncia o que as coisas realmente são. Tanto Demócrito, como Epicuro acreditavam que a matéria se forma por átomos, separados pelo vazio e agrupados acidentalmente em compostos. A *physis* epicuriana retira toda essencialidade aos compostos e, conseqüentemente, à noção de *cosmo*. O critério de verdade das opiniões físicas liga-se naturalmente à sensação e a seus requisitos canônicos (DURVERNOY, 1993, p. 20).

O epicurista tem uma visão desprendida do divino, não acreditando que o homem é forçado a ter uma vida determinada pelos deuses que, por sua vez, o aprisionava ao destino. O precursor do Jardim não cede a predestinações traçadas no Olimpo, embora acredite na existência dos deuses.

Para Epicuro, os deuses existem como seres perfeitos que não se misturam às imperfeições e às vicissitudes da vida mundana. Trata-se de uma visão materialista da realidade que foge, definitivamente, da dogmática religiosa da experimentada naquela época.

Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e toda mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade. Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque lhe aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando está sendo esperado. Então o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida. (EPICURO, 2002, p.27-29).

É perceptível na Antologia dos textos de Epicuro a preocupação em teorizar a libertação do homem desses dois medos distintos que deturpavam a felicidade: o temor aos deuses e a morte.

Joyau (1988, p. XII) lembra que a divindade vivia em perfeita serenidade nos espaços que separam os mundos. Esta magnitude suprema constitui o ideal a que aspiram aos sábios, devendo ser objeto de culto desinteressado. Fica claro que, para Epicuro, não haveria sentido adorar um deus de forma servil, temerosa e interesseira, uma vez que, a divindade ignora o mundo imperfeito dos homens e, de modo algum, atuaria sobre ele. Com relação ao temor da morte, não havia motivo para temê-la. Morrer não seria mais que a “dissolução do aglomerado de átomos” que formam um corpo e a alma. A morte não pode existir junto à vida do homem “e este não existe mais quando ela sobrevém”.

Seguindo esses ensinamentos, o indivíduo livra-se do temor e encontra a paz. Um ponto deve ser destacado: deuses não integram os mundos e as coisas materiais finitas.

Em última análise, deuses fazem parte da matéria e existem numa dimensão totalmente perfeita, encontrando neles mesmos o conhecimento e paz absoluta. Assim, não podem se misturar às imperfeições (a humanidade e seus problemas existenciais).

Nos poucos tratados deixados, evidencia-se a existências dos deuses na órbita da escola epicurista. Porém, na física atomista do mestre do Jardim, os objetos e as coisas são sensíveis e podem causar a prolepse. Podem as divindades provocar sensações ou lembranças?

Durvernoy (1993, p. 56) esclarece:

Não sendo os deuses objetos quaisquer, a prolepse que lhes corresponde não é uma prolepse qualquer. [...] Os átomos que constituem os seres divinos são tão sutis, vêm de tão longe e têm tantos obstáculos a atravessar antes de chegar até nós, que atingem nosso espírito sem que nossos sentidos percebam (nenhum de nós tem consciência de perceber a existência divina). Porém, é preciso admitir que, já que eles são objetos, são perceptíveis e percebidos. Tudo pareceria caminhar-se assim, se não encontrássemos uma causa de espanto: no conjunto do corpus tal como o conhecemos, existe apenas uma frase que diz algo sobre esse conhecimento físico (sensualista) dos deuses. Mais ainda, essa mesma frase pertence não a algum texto autenticamente epicurista, mas a um escólio que Diógenes Laércio acrescentou à primeira Máxima soberana: “em outro lugar, ele diz que os deuses são conhecidos pelo pensamento, (e então eles existem segundo o número), ou segundo a similitude (pelo contínuo fluxo de simulacros que se lhes assemelham). Eles têm uma forma humana”. [...] Pode-se presumir que o problema do conhecimento físico dos deuses “como objetos” não ocupe no sistema um lugar crucial.

No epicurismo, a divindade não é plausível de adoração ou agregação de imagens ou objetos materializados ao culto, isso porque, não há forma de objetivar seres perfeitos. Será que os deuses percebem a existência humana? Porém, eles não deixam de existir, sendo seres compostos, entretanto, em um nível imensurável de perfeição.

Epicuro entende que os deuses de fato existem, evidenciando o conhecimento que o homem tem deles. Já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, essas não existe, isso porque, “as pessoas não costumam preservar a noção que tem dos deuses”. Para o filósofo, “ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas sim quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria”. Com efeito, “os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas”, porém, “em opiniões falsas”. Não se deve acreditar que deuses causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. No entanto, “irmanados pelas suas próprias virtudes, eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente a eles” (EPICURO,

2002, p.27-29).

O epicurismo busca explicar todas as coisas existentes no espaço, no mundo e na natureza, a partir de bases de entendimentos materialistas, advindos do atomismo de Demócrito. “Para fundamentar uma ontologia materialista, Epicuro tomou dos atomistas o conceito de átomo e a ideia de que não existe geração do nada nem aniquilamento”, porém, “o todo (a totalidade do ser) se mantém idêntico. O cosmo, portanto, que é infinito, é composto de “corpos” e de vazio, e os corpos são ou simples (justamente os átomos) ou compostos (toda a realidade)” (REALE, 2007, p. 263).

Para o filósofo, o universo (olon) é um todo (pan) e tende a basear-se como a realidade existente. Tudo é composto de átomos e se os átomos são infinitos e imutáveis, existe então uma ideia de eternidade e imutabilidade sobre o que se entende de universo. Assim, o universo forma-se por dois princípios: vazio (kenon) e corpos (sómai). Durvernoy (1993, p. 23) entende que o vazio é o espaço situado no ‘entre’. “É real e constitui, com os átomos, a totalidade. Existe vazio entre os átomos, entre compostos, entre mundos [...] ele é ilimitado e os compostos, os mundos são indefinidamente dispersos”.

O vazio cumpre e executa a função de capacitar a movimentação dos corpos, como também o preenchimento no espaço. “É necessário crer que os mundos e toda combinação finita nascem do infinito. Todos se dissolvem de novo, alguns mais lentamente e outros mais rapidamente, sofrendo um umas ações e outros outras”, defende Epicuro. E mais: “semelhante mundo pode nascer num mundo ou num intermundo (assim chamamos a um intervalo entre os mundos), num espaço que contenha muito vazio – mas não no grande espaço puro e vazio, como dizem alguns”. Assim, não há finitude nessa criação de mundos e espaços, vazios ou não: “pouco a pouco, acumulações, conexões e transposições a outro lugar, se assim sucede, e afluência de núcleos aptos até lograr o seu acabamento e a detenção do seu crescimento (ANT III, 11,12,13).

Não raro, “nada nasce do não-ser”. Desta forma, tudo poderia absolutamente gerar-se de qualquer coisa sem necessidade de “nenhum sêmen gerador”. Afinal, nenhuma coisa se dissolve do nada, porque, de outro modo, neste momento, “tudo pereceria”, portanto, “nada mais existiria”. Coisa nenhuma nasce e perece assim o todo: “a realidade em sua totalidade, sempre foi como é agora e sempre será assim”. Desse modo, “além do todo, não existe nada em que ele possa ser mudado, nem existe nada do qual possa provir” (REALE, 2007, p. 264).

No entanto, o que seria o todo para Epicuro? Explica Durvernoy (1993, p. 23) que “o todo é composto dos átomos e do vazio”. Assim, sendo o número dos átomos infinito (infinidade quantitativa do tipo aritmético) e o vazio também (infinidade espacial ou geométrica), “o todo é, evidentemente, infinito”. Portanto, “o real (material-espacial)” também, “é infinito”.

Os corpos são compostos que além de serem possíveis de se ver, conforme os simulacros da canônica epicurista, (existem também os corpos simples e indivisíveis), estes

denominados de átomos.

Afirmava-se, então, que tudo era composto por “vazio” e “corpos compostos”. Denomina-se de vazio uma natureza intangível que permite o movimento. Já os corpos compostos nasceriam da agregação dos átomos. Assim “tudo que existe é formado por átomos e, portanto, é corpo”. Nesta linha, a alma e os deuses são formados por “átomos especiais” (REALE, 2007, p. 267).

Na ótica de Epicuro, o universo apresenta-se como corpo e espaço. Com efeito, “a sensação testemunha em todos os casos que os corpos existem e, conformando-nos com ela, devemos argumentar com o raciocínio sobre aquilo que não é evidente aos sentidos”. Todavia, “se não existisse o espaço, que é chamado vazio, lugar e natureza impalpável, os corpos não teriam onde estar nem onde mover-se”. No entanto, “alguns corpos são compostos, e outros elementos dos compostos; e estes últimos são indivisíveis e imutáveis, visto que é forçoso que alguma coisa subsista na dissolução dos compostos; se assim não fosse, tudo deveria dissolver-se em nada”. Por fim, os átomos “são sólidos por natureza, porque não têm nem onde nem como dissolver-se”, de maneira que “é preciso que os princípios sejam substâncias corpóreas e indivisíveis”. (ANT III, 2,3).

Nesta linha do pensamento, até mesmo a alma é matéria; um agregado de átomos. Forma-se, em parte, de átomos ígneos, aeriformes e ventosos (a dimensão irracional e alógica da alma) e, em parte, por átomos diversos dos outros, sem nome específico (a dimensão racional). Desse modo, como os demais agregados, a alma não é “eterna, mas mortal”. Na física epicurista, externa-se a premissa materialista do sistema (REALE, 2007, p. 266).

Já se acreditava que os átomos (átomoi/ἄτομος) eram os formadores dos corpos, também chamados de corpos simples, tendo a característica de serem indivisíveis. Os corpos compostos se delimitam em tudo que o universo podia presenciar. Essa delimitação mostrava que eram frutos dos outros corpos anteriores que os desenvolvem até o seu limite, impedindo que se perdessem no vazio. Os corpos simples (originários) são os átomos. Como matéria imutável, não poderiam se dissolver em si próprios, mediante o atributo do nada que já os compete.

Os átomos têm uma inconcebível variedade de formas, pois que não poderiam nascer tantas variedades se as suas formas fossem limitadas. E, para cada forma, são absolutamente infinitos os semelhantes, ao passo que as variedades não são absolutamente infinitas, mas simplesmente inconcebíveis. E deve supor-se que os átomos não possuem nenhuma das qualidades dos fenômenos, exceto forma, peso, grandeza e todas as outras que são necessariamente intrínsecas à forma. Porque toda a qualidade muda, mas os átomos não mudam, visto que é necessário que na dissolução dos compostos permaneça alguma coisa de sólido e de indissolúvel que faça realizar as mudanças, não no nada ou do nada, mas sim

por transposição. E o todo é infinito, pois o finito tem um limite extremo e o limite extremo se considera com referência a outro, visto que não tendo extremo não tem limite e não tendo limite é infinito e não limitado. Além disso, o universo também é infinito pela multidão dos corpos e pela extensão do vazio. Se o vazio fosse infinito e os corpos limitados, estes não permaneceriam em nenhum lugar, mas seriam levados a dispersar-se no vazio infinito, visto que não teriam nenhum apoio nem seriam contidos por choques. E, se o vazio fosse limitado, os corpos infinitos não teriam lugar onde estar (ANT III, 5,6,7).

Epicuro entende o átomo como infinitos em número, indivisíveis fisicamente (insecáveis) e imensamente pequenos (sua variação de tamanho estaria situada aquém do limiar de percepção). Seriam móveis por si mesmos, pois o vazio não ofereceria qualquer resistência à locomoção.

Joyau (1988, p. XI) diferencia o filósofo dos seus antecessores da escola atomista, como Demócrito e Leucipo, compreendendo que “os primeiros atomistas consideravam o peso uma resultante do tamanho dos átomos: os maiores, mais sujeitos aos impactos dos outros, locomovem-se com mais dificuldade, ” que por esse motivo, tais, tendem a ocupar “o centro dos agrupamentos de átomos, comportando-se como mais pesados”.

O peso apresenta-se como um atributo “inerente aos átomos”; sendo absoluto e não relativo. Devido ao seu peso, os átomos, num momento inicial, são imaginados por Epicuro como se estivessem caindo, embora situados dentro do vazio. Dessa forma, teriam que desenvolver, ao cair, cursos necessariamente paralelos. Os átomos jamais se chocariam, dando origem “aos engates e aos torvelinhos indispensáveis à constituição das coisas e dos mundos se algum fator não viesse interferir naquele paralelismo das trajetórias” (JOYAU, 1988, p. XI).

Essa movimentação afasta o atomismo de Epicuro do ortodoxo mecanismo da física dos primeiros atomistas. O filósofo lança mão da noção de desvio/clinamen: “sem nenhuma razão mecânica, os átomos, em qualquer momento de suas trajetórias verticais, podem se desviar e se chocar”. A concepção surge como “a introdução do arbítrio e do imponderável num jogo de forças estritamente mecânico”. Dá-se, então, a ruptura da necessidade, no plano da física, para acolher a contingência (JOYAU, 1988, p. XI).

CONCLUSÃO

De que maneira essa concepção minimizaria os temores humanos já que o ethos da filosofia epicuriana tende à felicidade? E mais: como o homem grego deveria agir para alcançar a eudaimonia? O clinamen/desvio (arbítrio?) é uma evidência de que o indivíduo pode modificar sua trajetória ou seu destino. O indivíduo adquire inatamente em sua existência a opção de mudar os direcionamentos da vida e escolher o melhor, o mais

prazeroso. Refugia-se o determinismo dos deuses e a finitude da carne. As leis do universo podem explicar a natureza dos homens. Assim, ao compreendê-las, o sábio poderá se abster das perturbações.

A partir dessa observação, segue-se a ética, quando Epicuro caracteriza toda a conjuntura filosófica para exemplificar como é simples alcançar a moderação, o prazer, a amizade

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRAATZ, Jean Dionísio. **O Pensamento Ético em Epicuro**. Dissertação (Mestrado). Curitiba: PUC, 2007.

DURANT, Will. **História da Civilização 2**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Rio de Janeiro: JorgeZahar Editor, 1993.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.

_____. **Sentenças Vaticanas/Máximas Capitais**. Tradução de João Quartim de Morães.

São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

JOYAU, E. **“Epicuro, antologia de textos”** in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, MarcoAurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VAZ, Henrique C. de. **Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

LORENCINI, Álvaro; CARRATORE, Enzo Del. **“Introdução” in Epicuro: Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.

LUCRETIUS CARO, Tito. **De Rerum Natura**, in Tradução e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. Coleção Pensadores: Epicuro,

Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

NALINE, José Renato. **Ética geral e profissional**. 7ª Ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: Filosofia pagã antiga 1. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007.

RIBBECK, G. “**Tito Lucrecio Caro, da natureza**” in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

EDUCAÇÃO: EPICURO E A BUSCA PELA FELICIDADE

Felipe Barnabé Batista.

Palmas, Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/7047035686643104>

RESUMO: Este artigo examina as contribuições da ética epicurista para a educação, com ênfase na busca pela felicidade por meio do prazer moderado e da ausência de sofrimento. Abordamos a física epicurista como fundamento para a ética, explorando a noção do bem como virtude e a relevância da amizade como princípio formativo no processo educativo. O quádruplo remédio é destacado como uma ferramenta pedagógica eficaz para promover a ataraxia (tranquilidade da mente) e a aponia (ausência de dor), conceitos que podem ser aplicados na formação de alunos mais conscientes e equilibrados. Concluimos que a filosofia epicurista oferece um modelo educacional que valoriza a prudência, a justiça e a construção de relações de amizade, contribuindo para o desenvolvimento de uma vida feliz e serena, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Epicuro. Felicidade

EDUCATION: EPICURUS AND THE PURSUIT OF HAPPINESS

ABSTRACT: This article examines the contributions of Epicurean ethics to education, emphasizing the pursuit of happiness through moderate pleasure and the absence of suffering. We discuss Epicurean physics as the foundation for ethics, exploring the notion of the good as virtue and the relevance of friendship as a formative principle in the educational process. The quadruple remedy is highlighted as an effective pedagogical tool to promote ataraxia (tranquility of the mind) and aponia (absence of pain), concepts that can be applied in the formation of more conscious and balanced students. We conclude that Epicurean philosophy offers an educational model that values prudence, justice, and the cultivation of friendships, contributing to the development of a happy and serene life, both personally and collectively.

KEY-WORDS: Education. Epicurus. Happiness.

INTRODUÇÃO

A busca pela felicidade é uma constante na história da humanidade, e a filosofia tem sido um campo fértil para a reflexão sobre esse tema. Entre os diversos pensadores que se dedicaram a essa questão, Epicuro se destaca por sua abordagem única e pragmática. O epicurismo, filosofia fundada por Epicuro no século IV a.C., propõe um caminho para a felicidade baseado no prazer moderado, e na ausência de sofrimento.

A ética epicuriana, núcleo central da filosofia de Epicuro, oferece um conjunto de ferramentas para alcançar a felicidade. Ao analisar a natureza, a mente e as relações humanas, Epicuro desenvolveu uma ética hedonista, mas não vulgar. Para ele, o prazer não se resume a satisfações imediatas e impulsivas, mas sim a um estado de tranquilidade e bem-estar duradouro, alcançado através da sabedoria e da virtude.

A educação, por sua vez, é um campo fundamental para a formação do indivíduo e para a construção de uma sociedade mais justa e feliz. Ao longo da história, diferentes filosofias e ideias pedagógicas influenciaram as práticas educacionais. O epicurismo, com sua ênfase na felicidade, na virtude e na busca pela sabedoria, oferece um arcabouço teórico rico para a reflexão sobre os objetivos e os métodos da educação.

Neste artigo, exploraremos a ética epicuriana e sua relevância para a educação contemporânea. Veremos como os princípios epicureanos podem contribuir para a formação de indivíduos mais felizes e realizados, capazes de viver uma vida plena e significativa. Ao analisar a física epicuriana como base para a ética, a concepção de bem como virtude e a importância da amizade, buscaremos compreender como a filosofia de Epicuro pode ser aplicada à prática pedagógica. Além disso, destacaremos o quádruplo remédio como uma ferramenta poderosa para alcançar a ataraxia (tranquilidade da alma) e a aponia (ausência de dor), estados ideais para a felicidade humana.

REFERENCIAL TEÓRICO

Entende-se a ética epicuriana como a parte principal da obra do filósofo de Samos. A ética compreendida por Epicuro absorve tanto a canônica (as certezas absolutas que a realidade oferece ao homem) como a física (nem os deuses e muito menos a morte são fatores que podem atrapalhar a vida humana). Tal física introduz os pensamentos que se desdobrarão na ética.

A ética epicurista tem por fundamento sua física. Por sua vez, a física volta-se no sentido de tornar “irrefutáveis”, segundo os critérios da razão, as proposições da ética. Como em toda ética antiga, Epicuro obedece à “um paradigma eudaimonista e teleológico”. A definição e obtenção da verdadeira eudaimonia torna-se o “único alvo” dos ensinamentos epicuristas. A vocação finalista desta nova ética, em aparente conflito com o “mecanicismo atomista da física”, finca-se com a introdução do “coeficiente de espontaneidade no movimento da vontade”. O homem se define como livre em suas tomadas de decisões.

Dono de todo esse arbítrio, o ser humano é “capaz de ser feliz”. Cabe à ética resolver o principal problema que rege a existência da criatura: “como ser feliz” (LIMA VAZ, 2006, p. 138-139).

Reale (2007, p. 269) acrescenta que, de acordo com os fundamentos do fundador do “Jardim”, acredita-se que a essência humana é necessariamente “material”, de acordo com a física. Todavia, o homem possui um “bem específico” que, por meio dele, obtém a felicidade: Essa concepção já fora tirada pelos Cirenaicos. Mas Epicuro reforma radicalmente seu hedonismo. Com efeito, os Cirenaicos sustentavam que o prazer é “movimento suave”, enquanto que a dor é “movimento violento”; e negavam que o estado de quietude intermediário, ou seja, a ausência de dor, fosse prazer.

Epicuro não só admite esse tipo de prazer na quietude (“catastemático”), mas dá-lhe a máxima importância, considerando-o o limite supremo, o cume do prazer. Ademais, enquanto os Cirenaicos consideravam os prazeres e dores físicas superiores das psíquicas, Epicuro sustenta exatamente o oposto. [...] Epicuro compreenderá perfeitamente que mais do que os gozos ou sofrimentos do corpo, que são circunscritos no tempo, contam as ressonâncias interiores e os movimentos da psique, que os acompanham e duram bem mais.

Por meio do bem específico (physis) conduzido nas relações do homem com o mundo e qualificado pela psique/ψυχή, atribui-se o bem hedonista dos epicuristas. Algo importante também deve ser observado: Epicuro não inventa qualquer das suas teorias. Ele parte de alguns ensinamentos, de determinados conceitos fundamentais e arquiteta novas propostas de maneira genuinamente inovadoras. Com relação ao hedonismo, o filósofo de Samos busca um ponto de partida nessa filosofia Cirenaica de Aristipo (435-366 a. C.)

Idealizador do hedonismo, Aristipo pregava que o bem do homem se voltava ao prazer físico, considerando bom qualquer tipo de volúpia, não importando os meios ou os motivos que o levassem a aquela forma de viver. Para os hedonistas, todo o sentido da vida centrava-se nos prazeres desregrados.

Na contramão, o epicurismo busca outro sentido para o hedonismo. As novas fundamentações sistematizam uma ética que se vira aos prazeres regrados advindos dos ensinamentos do mestre, tanto na convivência com os seguidores, quanto na vida particular. Essa moral mostra-se fundamental para explicar as direções necessárias que conduzem e estabelecem os caminhos para felicidade e a preocupação do homem em se afastar dos vícios cotidianos e seus medos. A condição histórica vivenciada pelo homem grego naquele momento – em especial com a falta da identidade de seu povo – trouxe muitas angústias existenciais. A ética epicurista propõe, então, algo essencial para a busca da felicidade, partindo de um bem maior para o indivíduo. Mas, o que é esse bem?

A concepção de bem nesta escola se consagra como virtude; trata-se da “primazia do bem” como o primeiro “pressuposto da ética”. Dele, floresce imediatamente o primeiro axioma: “o bem deve ser feito e o mal evitado”. Conjectura-se, assim, “o ponto de partida

de toda ética clássica e medieval”. Para Epicuro “sua determinação do que é bom procede na forma de uma dialética negativa: o bem estará necessariamente presente quando seu oposto, o mal, for efetivamente negado”. Portanto “o mal, para o homem, é a dor, qualquer que seja sua forma; o oposto da dor é o prazer e a dor se retira quando o prazer se faz presente. Logo o prazer é o bem” (LIMA VAZ, 2006, p. 140).

O bem a que se refere está intrinsecamente fundamentado nos ensinamentos de Epicuro e equipara-se ao prazer (hedonè/ἡδονή). Essa conjectura foi de forma sistêmica lecionada no Jardim. Torna-se, assim, a filosofia epicurista uma doutrina hedonista.

No entanto, a escola recebe inúmeros ataques preconceituosos a respeito destes ensinamentos hedonistas. “Quando dizemos, então, que o prazer é o fim”, adverte Epicuro, “não queremos referir-nos aos prazeres dos intemperantes ou aos produzidos pela sensualidade, como creem certos ignorantes, que se encontra em desacordo conosco”. O filósofo se refere, na verdade, “ao prazer de nos acharmos livres de sofrimentos do corpo e de perturbações da alma” (ANT IV, 4).

Todavia, lembra Reale (2007, p. 269), “a regra da vida moral não é o prazer como tal, desregrado, mas a razão que julga e discrimina, ou seja, a sabedoria prática que, entre os prazeres, escolhe aqueles que não comportam em si a dor e perturbação” descartando, desse modo, “aqueles que dão gozo momentâneo”, trazendo “consigo dores e perturbações subsequentes”.

O sábio do Jardim constrói argumentos que ajudam a entender as razões pelas quais o helênico deve chegar à eudaimonia. Lima Vaz (2006, p. 140) observa: Essa dialética epicuriana se funda imediatamente em sua Física, já que os estados primitivos em que podemos nos encontrar, a dor e o prazer, procedem originariamente das afecções (pathe) em nós produzidas pelo fluxo dos “simulacros” atômicos. Embora não se possa identificar imediatamente dor e prazer com o pathos, pois em sua vivência intervém igualmente a parte racional da alma (logismos, dianoia), a alma, por sua vez, é parte integrante da physis, o que submete todas as formas da dor e do prazer ao domínio da natureza, seja em sua fisiologia seja em suas interpretações antropológica e ética.

A Ética de Epicuro é, pois, fundamentalmente uma resposta ao fato primitivo da dor, primeiro e único obstáculo que se ergue no caminho da eudaimonia humana. E o prazer é a única supressão radical da dor, sendo assim o princípio e o fim da vida na eudaimonia.

Na ética epicuriana, o prazer apresenta-se como algo primordial e necessário. Toda e qualquer dor pode ser reprimida fisicamente ou mentalmente pela psique. O hedonismo da escola epicuriana, expande-se e conforta as soluções de todos os males do homem grego.

Para Durvernoy (1993, p. 22), o prazer é uma “noção difícil de compreender no epicurismo”, não havendo diferentes tipos (por exemplo, os da alma e os do corpo): “o prazer afeta sempre o composto que nós somos a título de totalidade relativa”, por isso “em última

análise, ele é corporal” (pois a alma é um corpo). “Não está ligada a um movimento, mesmo moderado (teoria cirenaica), mas a um estado” definindo. Esse “estado é instantâneo” (o que ele é no momento em que é): não aumenta nem diminui pela duração. É “catatesmático (um estabelecimento, uma situação) e não uma relação com o sujeito” o indivíduo livre “que o experimenta”. Se si próprio, em conformidade consigo, é prazer: ser afetado, mas tão pouco quanto possível. “O ideal é o prazer dos deuses, que realizam a ausência total de afetos, isto é, de choques”.

Em *Máximas Capitais*, os homens que não conhecem a fundo a natureza, “mas se contentam com conjecturas mitológicas”, não poderão “libertar-se do temor que sente a respeito das coisas mais importantes, de modo que, sem o estudo da natureza, não é possível desfrutar dos prazeres puros”. E mais, a busca pelo prazer é caracteristicamente inata a todos, porque o homem sempre está buscando o melhor para si, (o prazeroso) para a vida. E não se deve temer a falta do prazer, porque “a dor não dura de forma contínua na carne”. A dor que “é extrema dura muito pouco tempo e a que ultrapassa em pouco o prazer corporal não persiste por muitos dias” (MC 4, 12).

De acordo com Reale (2007, p. 270-271), a “ótica” que é entendida os males do homem nos ensinamentos epicuristas volta-se no físico, na alma e na morte. Eis que prossegue: O que devemos fazer quando somos atingidos pelos males físicos não desejados? Epicuro responde: se é leve, o mal físico é suportável, nunca sendo tal que ofusque a alegria do espírito; se é agudo, passa logo; se é agudíssimo, conduz à morte, a qual, em todo caso, como veremos, é um estado de absoluta insensibilidade. E os males da alma? A respeito destes não é o caso de nos alongarmos, porque são apenas produtos de opiniões falazes e de erros da mente. E toda a filosofia de Epicuro se apresenta como o mais eficaz remédio e o mais seguro antídoto contra eles. E a morte? A morte é um mal só para quem nutre falsas opiniões sobre ela. Como o homem é um “composto alma” em um “composto corpo”, a morte não é senão a dissolução desses compostos, na qual os átomos se espraíam por toda a parte, a consciência e a sensibilidade cessam totalmente e, assim, só restam do homem ruínas que se dispersam, isto é, nada. A morte, portanto, não é pavorosa em si mesma, porque, com sua vinda, não sentimos mais nada; nem pelo seu “depois”, exatamente porque não resta nada de nós, dissolvendo-se totalmente nossa alma, assim como nosso corpo; nem, enfim, a morte tolhe nada da vida que tenhamos vivido, porque a eternidade não é necessária para a absoluta perfeição do prazer.

A forma em que esses males atingem o homem é superficial e nada tem de amedrontá-lo ou causar algum tipo de indiferença. São causas naturais que agem pelo acaso. Epicuro lembra que na vida, são mais comuns os prazeres do que os males, tais tormentos são passageiros. O homem basta-se de si mesmo para conseguir encontrar a felicidade, e quando a encontra, adentra em um estado maior de tranquilidade e ausência de dores, dando sentido a aponia (ἀπονία). Aponia significa ausência de dor, ou seja, não sofrer dores tanto no corpo como na alma. Para Epicuro tal entendimento coincide com “o prazer em repouso”; repouso absoluto “que se opõe ao prazer em movimento, ao qual sempre está

ligada a perturbação e, portanto, a dor”. Adere à aponia uma nova forma de ver “o sumo do prazer.” Desse modo, “apenas o prazer catastemático, como ausência de qualquer forma de dor, tem caráter de estabilidade e não pode sofrer nem incremento nem diminuição e, portanto, jamais nos deixa insatisfeito” (REALE, 2007, p. 270).

O fundador do epicurismo diferencia-se de muitos ensinamentos filosóficos da antiguidade, ao propor a seus seguidores que se afastem da política. Mas, por qual motivo? Porque ela comporta dores e perturbações que, por sua vez, distancia o sábio da aponia e da ataraxia (ἀταραξία).

De acordo com Abbagnano (2007, p. 87), ataraxia foi um termo usado primeiramente por Demócrito e depois pelos epicuristas e pelos estoicos, designando “o ideal da imperturbabilidade ou da serenidade da alma, em decorrência do domínio sobre as paixões ou da extirpação destas (apatia)”.

Durvernoy (1993, p. 16) observa que “o epicurismo compartilha com um pequeno número de outras doutrinas a propriedade de não ter situado a política no campo de sua racionalidade própria”, portanto, “não ter incluído os projetos e obrigações políticas em sua antropologia, mesmo coletivas”. Essa ausência de teorização no campo do político “não resulta nem de negligência nem de esquecimento, nem se mostra despreocupadamente como um limite imposto de fora ao campo da inteligibilidade”. No entanto, para Epicuro, a vida pública não abstém o ser humano de futuros males, logo, não deve ser de total necessidade para o homem. O epicurismo entende claramente que a vida pública “não enriquece o homem, mas o dispersa e o dissipa”. Seria preciso apartar e viver separado da multidão, proclamava: “retira-te para dentro de ti mesmo, sobretudo quando és constrangido a estar entre a multidão”. O célebre mandamento do mestre aponta: “vive oculto”.

Para Reale (2007, p 271-272), “somente nesse entrar em si e permanecer em si é que podem ser encontradas a tranquilidade, a paz da alma e a ataraxia”. As coroas dos reis e o poder depositado nas mãos dos grandes proprietários de terras não representam “o bem supremo”, mas a ataraxia: “a coroa da ataraxia é incomparavelmente superior à coroa dos grandes impérios”. Nesse entendimento, “os prazeres da vida política”, que a muitos encanta, aparecem como “ingênuas fantasias”. Da vida como político, “os homens esperam poder, fama e riqueza, que são como sabemos, desejos e prazeres nem naturais nem necessários, sendo, portanto, vazias e enganosas miragens”. Tal contexto volta-se novamente ao hedonismo epicurista, fundamental para a construção dessa ética. O cálculo dos prazeres bons para o homem é útil para conseguir a felicidade e o maior possível distanciamento da dor. E a função do sábio é saber distinguir os prazeres que trazem dores e impedem a ataraxia, com os bons que produzem felicidade. Em Carta a Meneceu, Epicuro (2002, p.37-39) se expressa:

Embora o prazer seja nosso bem primeiro inato, nem por isso escolhemos qualquer prazer: há ocasiões em que evitamos muitos prazeres, quando deles nos advêm sofrimentos preferíveis aos prazeres, se um prazer maior advier depois de suportarmos essas dores por muito tempo. Portanto, todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos são escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser evitadas. Convêm, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios dos danos. Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.

Epicuro chega a pronunciar que até mesmos prazeres naturais podem vir a trazer dor e prejudicar o indivíduo. Como o mestre do Jardim categorizava esses prazeres para não cair no erro? O filósofo busca responder essa questão se exemplificando de maneira simples: “nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce a vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha”. E mais: “de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos”. Portanto, “de todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que originaram todas as demais virtudes”. Desse modo, “é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas” (EPICURO, 2002, p.45-47).

Também em Carta a Meneceu, ao se referir aos desejos do homem, o filósofo divide-os entre aqueles que são (a) “naturais” (necessários ou apenas naturais) e aqueles que são (b) “inúteis”. Dentre os desejos naturais necessários, (a) “há alguns que são fundamentais para a felicidade”, (b) “para o bem-estar corporal” ou, ainda, (c) “para a própria vida”. Como consequência, “o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito”. Para Epicuro, “essa é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo” (EPICURO, 2002, p.35).

Mais adiante, o mestre procura esclarecer outra questão, tipificando, agora, três distintos tipos de prazeres: (a) os naturais e necessários; (b) os naturais e não necessários; (c) os nem naturais e nem necessários. Braatz (2007, p. 84) entende que a fronteira dos prazeres se estabelecem baseados na supressão do que se pode rotular de “dores fundamentais”, que decorrem da fome, da sede, do frio e do cansaço. Na vida, estas atribuições devem ser apaziguadas com a finalidade de se manter a boa saúde corporal, o que leva à tranquilidade da alma. Os prazeres que resultam da supressão destas dores apresentam-se como naturais e necessários. Por sua vez, os prazeres naturais não necessários se referem a um “refinamento supérfluo dos prazeres necessários”, como, por

exemplo, vestir-se elegantemente com tecidos finos, comer alimentos requintados, beber vinhos raros. Esse refinamento deve ser avaliado com demasiada prudência: “desde que não exijam um grande esforço e não cause sofrimento subsequente, estes prazeres não são proibidos em absoluto”.

De forma incisiva, o precursor do jardim entende que o desfrute dos prazeres não necessários seduz o homem, podendo “gerar ambições inúteis” e uma inquietude de alma, típica daquele que passa a querer mais do mesmo. Consequentemente, o filósofo desaconselha à procura desse modo de vida requintado que se rege pelo superficial. Pode-se afirmar que os prazeres não naturais e não necessários são aqueles refugados no epicurismo, pois se relacionam diretamente com a ostentação, o luxo, a ganância, a libidinagem e a soberba. Tais deleites não provocam qualquer dor corporal e sempre permeiam com perturbações a alma humana (BRAATZ, 2007, p. 84).

Eis que professa Epicuro: “nem a posse das riquezas, nem a abundância das coisas, nem a obtenção de cargos ou o poder produzem a felicidade e a bem-aventurança”. Estas qualidades somente são alcançadas com a “ausência de dores, a moderação nos afetos e a disposição de espírito em se manter nos limites impostos pela natureza” (ANT IV, 2).

No recorte epicurista, o que seria necessário para ser ter uma vida feliz? Imperativamente, o homem deveria se afastar do cárcere dos prazeres não naturais, levando o sábio a distanciar-se das preocupações nefastas da política, da vida desregrada e da população que o influenciaria. Ao propor este distanciamento da sociedade, Epicuro pretenderia viver alheio aos parâmetros sociopolíticos e normativos do mundo helênico? De certa forma, sim. Mas, tal indiferença não seria um preceito de viver desregradamente? Não. O filósofo do jardim começa a estabelecer novas vertentes ao direito, à lei, e a justiça, até então moldados ao imperialismo macedônico.

Reale (2007, p. 272), esclarece:

Epicuro devia dar do direito, da lei e da justiça uma interpretação em nítida antítese tanto em relação à opinião clássica dos gregos como em relação às teses filosóficas de Platão e Aristóteles. Direito, lei e justiça só têm sentido e valor quando e à medida que são ligados ao “útil”; seu fundamento objetivo não é senão a utilidade. Assim, o Estado, de realidade moral dotado de valor absoluto que fora no passado, torna-se instituição relativa, nascida de simples contrato tendo em vista o útil; do mesmo modo, de fonte e coroamento dos supremos valores morais torna-se simples meio de tutela dos valores vitais, por fim, torna-se condição necessária para a vida moral, mas não condição suficiente. A justiça torna-se um valor relativo, subordinado ao útil.

Essas características se somam e agregam mais valor ao indivíduo. Toda a ideia tradicional do homem político que antes vigorava, não é de suma importância para os epicuristas. Surge um pensamento egoísta nessa tradição, o homem centra-se em si mesmo e busca a sua felicidade. Analogicamente, moldando uma nova forma de ver as questões morais na vida urbana e no cotidiano. O útil, (ou a utilidade), torna-se o necessário nas relações com o estado e com os outros; esses, que se encontravam fora dos critérios epicuristas. Tal concepção explana característica marcante nessa relação.

Com esses parâmetros, a ética epicuriana pretende com o direito esclarecer a existência de “um justo que é justo por natureza”. Porém, quem é esse justo? Para Durvernoy (1993, p. 121), trata-se de um “direito que tem cada indivíduo de não ser agredido, destruído, impedido de ocupar o seu espaço sem medo, [...] sem humilhações, sem ameaças”. E mais: “é o análogo humano da infinita dureza do átomo, que, também ele, ocupa um espaço irreduzível, por menor que seja, e reside”. O justo é naturalmente inato a “cada um dos humanos, assim como a irreduzibilidade simples se enuncia como um caráter dessa coisa simples que é o átomo espacialmente existente”. A justiça apaziguará e tornar virtuosas as relações de Epicuro e seus discípulos no Jardim.

Desse modo, **“a justiça não tem existência por si própria, mas sempre se encontra nas relações recíprocas, em qualquer tempo ou lugar em que exista um pacto de não produzir nem sofrer danos”, defende Epicuro. Assim, “entre os animais que não puderem fazer pactos para não provocar nem sofrer danos, não existe justo nem injusto”; naturalmente que, “o mesmo sucede entre povos que não puderam ou não quiseram concluir pactos para não prejudicar nem ser prejudicados” (ANT IV, 23, 24).**

Esse pacto é verdadeiramente aceitável, defende Reale (2007, p. 272), quando existem laços de amizade nos quais o indivíduo é livre para fazer-lhe escolhas úteis:

O homem deixou de ser homem-cidadão para tornar-se puro homem-indivíduo. O único liame admitido como verdadeiramente factível entre esses indivíduos é a “amizade”, laço livre que reúne juntos aqueles que sentem, pensam e vivem de modos idênticos. Na natureza, nada é imposto de foda de modo não-natural; sendo assim, nada viola a intimidade do indivíduo. No amigo, o epicurista vê outro si mesmo. A amizade não é mais que o útil, mas o útil sublimado. Com efeito, primeiro se busca a amizade para conseguir determinadas “vantagens” estranhas a ela; depois, uma vez nascida, a amizade torna-se, ela mesma, fonte de prazer e, conseqüentemente, um fim.

A amizade é elevada a um nível primoroso na moral epicuriana. Uma característica admirada e entendida como conquista, tornando-a algo consagrado aos homens sábios que buscam a vida feliz.

Das normas prescritas por Epicuro como justas, consideram-se úteis àquelas que se revestem do caráter justo perante as necessidades da vida comunitária. Caso se estabeleça uma lei e, depois, a mesma não se revele conforme a utilidade da convivência recíproca, logo este dispositivo normativo já não conserva o seu caráter do justo. Para os sábios, a

legislação existe não para impedir que cometam injustiça, mas para impedir que sejam vítimas da própria injustiça. (ANT IV, 25, 34).

Defende Epicuro:

Não realizes na tua vida nada que, se for conhecido por teu próximo, te possa acarretar temor. A serenidade espiritual é o fruto máximo da justiça. O justo é sumamente sereno, o injusto cheio da maior perturbação. Realizará o sábio coisas que a lei proíbe, sabendo que permanecerão ocultas? Não é fácil encontrar uma resposta absoluta. O homem sábio que tenha alcançado o fim da espécie humana será honesto mesmo que ninguém se encontre presente. (ANT IV, 29, 30, 31, 32, 33).

Todo esse cuidado exposto pelo filósofo nos seus ensinamentos advém do interesse em demonstrar que a questão felicidade baliza-se pela “justa apreciação do prazer e de seus limites”. Todo pensamento filosófico figura como um verdadeiro “vassalo da felicidade dos homens”. Perante o esforço de viver, todos querem ser felizes e a sabedoria buscará justificar essas pretensões. Como juiz legítimo, o conceito de felicidade se pronuncia sobre o direito da filosofia. (DURVERNOY, 1993, p. 75).

O projeto filosófico de Epicuro ganha um importante contorno quando apresenta a noção fundamental da phronesis (φρόνησις), sabedoria prática ou prudência, referindo-se ao pensamento correto sobre as consequências práticas das coisas. Da justa apreciação do prazer pela razão vigilante, surge “a prudência como princípio e o maior dos bens”, tendo “mais valor do que a própria filosofia”, afinal, “é dela que provém todas as outras virtudes” (EPICURO, 2002, p. 45).

Mesmo aquele homem que não conhece a filosofia (não-sábio), mas, é rigorosamente prudente, carrega consigo o saber filosófico mais puro. Filodemo de Gádara (40 ou 35 a.C.), um dos últimos epicuristas da antiguidade, sintetizou o pensamento filosófico do grande mestre em sua totalidade, naquilo que nominou de quádruplo remédio: “Não há deus a temer; a morte está fora de toda sensação; a felicidade é possível; é possível suportar” (FILODEMO, apud, DURVERNOY, 1993, p. 77)

A plenitude deste ensinamento será atingida ao seguir as quatro regras, levando o homem a se livrar dos temores da alma e do corpo. Tais concepções corroboram com entendimento de que “a filosofia seria, pois, uma medicina que trata das almas doentes, que não são naturalmente sábias, ou que restaura uma saúde perdida” (DURVERNOY, 1993, p. 77).

Esses conceitos expõem um dos recortes doutrinários mais investigados e amplamente consagrados na ética de Epicuro, o tetrapharmakon (τετραφάρμακον). Vale a pena consignar que as mais importantes fontes para o conhecimento da Ética de Epicuro são (a) Carta a Meneceu e (b) Sentenças Capitais (SC). Bem no início das Sentenças Capitais 2 e 5 estão

enunciadas as quatro proposições, conhecidas como os “quatro remédios”:

A morte nada é para nós; o que se dissolve não sente mais e o que não sente não é nada para nós. O limite da grandeza dos prazeres é a supressão de toda dor; onde está presente o prazer e por todo o tempo em que estiver presente, não há dor nem tristeza nem ambos. A dor não dura continuamente na carne, mas a dor extrema não está presente senão pelo menor tempo possível; a que excede de pouco o prazer do corpo não dura muitos dias e as longas enfermidades são acompanhadas de mais prazer corporal do que dor. Não se pode viver com prazer sem viver com prudência, honestidade e justiça, nem viver com prudência, honestidade e justiça sem viver com prazer; e a quem faltam <as condições> para viver com prudência, honestidade e justiça, este não pode viver com prazer.

A apresentação dos quatro remédios do epicurismo acrescenta, ainda mais, a importância que os ensinamentos propostos pelo mestre do jardim despertaram na vida dos gregos, na medida em que modificou as condições éticas da antiguidade e remediou frustrações e temores do homem. E mais, “enquanto a saúde do corpo era uma referência anterior e exterior à medicina, ocorre o contrário quanto à saúde da alma”. Somente a filosofia poderia proporcionar a saúde mental. “Cada um de nós só chama o médico quando precisa, quando tem um problema”. No entanto, o filósofo é “que nos chama a todos, pois ele sabe que, na verdade, está propondo o seu tratamento a um universo humano que se tornou inevitavelmente doente” (DURVERNOY, 1993, p. 83).

Propunha-se uma automedicação, pois o homem que aprendesse a aplicar aquele medicamento em si mesmo poderá atingir a paz de espírito e a felicidade. Isto posto, o homem

torna-se “senhor de si, o sábio nada mais tem a temer, nem mesmo os mais atrozes males e sequer as torturas”. Mesmo exposto aos tormentos, o sábio agora pode ser feliz (REALE, 2007, p. 272-273).

O quádruplo medicamento torna-se uma alternativa de vida àqueles que estão a temer. Não são remédios físicos, mas apenas recomendações de Epicuro. O remédio filosófico traz na composição o pensamento justo (em oposição aos efeitos do pensamento terrificante) que deve abrir a possibilidade de uma tomada de consciência de que nada de sensível é “terrificante”. Havia opiniões que curam, não porque sejam opiniões-saúde (“assim como nenhum remédio é a saúde”), mas porque se opõem a termo às opiniões do terror. O remédio filosófico “não é regime frustrante, nem sangria, nem purga; ele é imediatamente gratificante, pois é libertador no mesmo instante que é praticado” (DURVERNOY, 1993, p. 86).

Ao fazer uma análise sobre a terapia da alma que, o filósofo propõe. Durvernoy, (1993, p. 83-84), caracteriza esse temor:

A consciência dolorosa não representa a sua dor como herança, mas sim agressão e ameaça proveniente de certos objetos reais, que causam um temor sentido como legítimo. Mas o terapeuta-filósofo sabe que não há nenhum objeto que possa corresponder ao temor; no sentido próprio do termo, o temor não tem objeto. Nunca se tem nada; só se tem o nada. E é justamente porque o temor é vazio de toda sensação correspondente que ele pode ser um temor. Todos os nossos temores são, pois, temores da imaginação. Parece que há uma psicologia de Epicuro algo semelhante a uma “análise de profundidades”, que afirmasse, por exemplo, que temos necessidade de criar medos. O temor não tem nenhuma função positiva. É o vazio de sentido e vazio de sensação: antiprazer puro. Se o problema do “por que” do temor não parece se levantar (“que função tem o medo?” não parece ter sido uma pergunta epicurista), a questão “como” parece indicada em alguns fragmentos: o temor é um movimento autônomo da alma que se move “para o nada” e não é movida “por nada”. Esse movimento constitui então o seu pseudo-objeto sob a forma de uma “palavra vazia”: palavra que não designa nada, que nenhuma prolepse jamais poderá transformar em experiência possível, invenção pura da infelicidade.

Por fim, não se deve temer o nada. A filosofia epicurista promove a felicidade e a plenitude, não importando os acontecimentos que tendem a depreciar e desvirtuar as pessoas.

Epicuro ultrapassa as condições éticas impostas em seu tempo. Além afirmar a liberdade como uma concepção inata a todos, ele promove o afastamento do homem tanto na política, nos vícios das esferas públicas, nas crenças divinas, como, também, no medo da morte. Concluindo que são esses os maiores temores humanos. Agindo de maneira sóbria e serena, sem perseguir prazeres inúteis e viciosos e ao mesmo tempo, pregando uma sabedoria prudente, sem pretensões sexuais ou financeiras. Mostrando, por fim, a perfeição moral e correta na mais simples amizade. Via o filósofo do Jardim, “na amizade os gozos mais intensos e mais puros da vida”. (NALINI, 2009, p. 53).

Na convivência e na harmonia em que se parece muito com as relações familiares entre irmãos, que estudavam, filosofavam e viviam juntos, sem indiferenças. Conseguindo alcançar a felicidade. A vida feliz, sem nenhuma perturbação. A filosofia **só faz sentido se ela for aplicável.**

Na educação, essa filosofia pode ser aplicada como um meio para ajudar os alunos a alcançarem uma vida plena e significativa, promovendo um ambiente de aprendizado que valoriza a exploração de interesses pessoais e o desenvolvimento de paixões.

A autonomia e o autoconhecimento são pilares da ética epicurista e podem ser fundamentais na formação educacional. A educação deve incentivar os alunos a serem críticos e a tomarem decisões informadas, ajudando-os a distinguir entre desejos essenciais e supérfluos. Essa abordagem pode levar a um aprendizado mais consciente e intencional,

preparando os alunos para compreenderem suas próprias necessidades.

A ética da moderação, central na filosofia epicurista, também se reflete na educação, onde a disciplina e o equilíbrio **são valorizados. Promover a cooperação, o respeito mútuo e a empatia entre os alunos** cria um ambiente mais harmônico, contribuindo para a formação de cidadãos éticos. Essa ênfase nos valores interpessoais pode fortalecer a convivência social e o desenvolvimento de habilidades emocionais.

Por fim, Epicuro argumentava que muitos medos e ansiedades são irracionais e podem ser superados através do conhecimento. Assim, a educação desempenha um papel crucial ao fornecer informações e promover o pensamento crítico, capacitando os alunos a enfrentarem seus medos e a lidarem com a ansiedade. Essa perspectiva não só enriquece a formação acadêmica, mas também contribui para o bem-estar emocional e integral dos estudantes.

CONCLUSÃO

Conclui-se que a ética epicurista oferece uma perspectiva valiosa para a educação contemporânea, ao propor um equilíbrio entre o prazer moderado, o autoconhecimento e a busca por uma vida plena e significativa. Aplicada ao contexto educacional, essa filosofia pode contribuir para a formação de indivíduos mais críticos, autônomos e capazes de compreender e gerir seus desejos, promovendo um aprendizado mais profundo e reflexivo. Além disso, a ênfase na moderação e nas relações interpessoais harmoniosas reforça a importância da convivência ética e do desenvolvimento socioemocional dentro das instituições de ensino.

A integração dos princípios epicuristas na educação também revela um potencial transformador, ao incentivar os alunos a superarem medos e ansiedades por meio do conhecimento e do pensamento crítico, contribuindo para seu bem-estar emocional e psicológico. Desse modo, a educação inspirada pela ética de Epicuro não apenas forma cidadãos mais conscientes, mas também atua como ferramenta para o cultivo de uma vida equilibrada e feliz, tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. Essa abordagem, portanto, deve ser considerada como uma contribuição filosófica relevante para o desenvolvimento integral do ser humano.

DECLARAÇÃO DE INTERESSES

Nós, autores deste artigo, declaramos que não possuímos conflitos de interesses de ordem financeira, comercial, político, acadêmico e pessoal.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BRAATZ, Jean Dionísio. **O Pensamento Ético em Epicuro**. Dissertação (Mestrado). Curitiba: PUC, 2007.
- DURANT, Will. **História da Civilização 2**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.
- DUVERNOY, Jean-François. **O Epicurismo e sua tradição antiga**. Rio de Janeiro: JorgeZahar Editor, 1993.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.
- _____. **Sentenças Vaticanas/Máximas Capitais**. Tradução de João Quartim de Morães. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- JOYAU, E. “**Epicuro, antologia de textos**” in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- VAZ, Henrique C. de. **Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1**. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- LORENCINI, Álvaro; CARRATORE, Enzo Del. “**Introdução**” in **Epicuro**: Carta sobre a felicidade (a Meneceu). 3. Ed. São Paulo: Unesp, 2002.
- LUCRETIUS CARO, Tito. **De Rerum Natura**., in Tradução e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. Coleção Pensadores: Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- NALINE, José Renato. **Ética geral e profissional**. 7ª Ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2009.
- REALE, Giovanni. **História da Filosofia: Filosofia pagã antiga 1**. 3ª Ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- RIBBECK, G. “**Tito Lucrecio Caro, da natureza**” in Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio. Coleção Pensadores. Traduções e notas de Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni, Jaime Bruna. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

Índice Remissivo

A

agrupamentos 8, 10, 25
alunos 6, 19, 27, 38, 39
amizade 6, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 20, 26, 27, 28, 35, 38
aponia 27, 28, 32
ataraxia 27, 28, 32
atomismo de Demócrito 12, 19, 23
ausência de dor 29

B

bases do pensamento moral 8
bem comum 8, 9, 10
bem-estar 6, 9, 19, 20, 28, 33, 39
bem-estar emocional 6, 19, 39

C

cidadania 8, 9, 10
compreensão da natureza 6, 19
comunidade 8, 10, 13, 14
conhecimento 6, 19, 20, 21, 22, 33, 37, 39
construção de relações 27

D

desenvolvimento pessoal 19
distinções sociais 8, 9
dor 6, 15, 19, 20, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38

E

educação 6, 19, 20, 27, 28, 38, 39
epicurismo 6, 8, 9, 12, 17, 22, 23, 28, 29, 31, 32, 34, 37
equilíbrio 6, 11, 19, 39
escolas filosóficas 8, 9
ética 6, 8, 9, 11, 12, 17, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 37, 39
ética individualista 8

F

felicidade 6, 8, 9, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40
felicidade individual 8

ferramenta pedagógica 27

filosofia 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 37, 38, 39, 40

filosofia epicurista 6, 8, 27, 30, 38, 39

física epicurista 6, 19, 24, 27

frustrações humanas 8, 12

fundamento ético 8

I

ideais 8, 9, 28

individualismo 8, 9, 10, 11

influência oriental 8

J

justiça 15, 27, 33, 34, 35, 36, 37

M

modelo de vida 8, 9

modelo educacional 27

moderação dos prazeres 6, 8, 9, 12

O

observação racional 19

P

paz interior 8, 9

pensamento crítico 6, 19, 39

pensamento helenístico 8, 9, 12

polis 8, 10, 12

política 8, 9, 10, 11, 32, 34, 38

prazeres 19, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 38

prazer moderado 20, 27, 28, 39

princípios da ciência 19

processo educativo 19, 27

prudência 27, 33, 34, 36, 37

Q

quádruplo remédio 6, 27, 28, 36

questões morais 8, 35

R

realidade 15, 19, 20, 21, 23, 28, 34

relações de amizade 27

S

sofrimento 21, 27, 28, 34

T

temperança 8, 9, 10

tranquilidade da mente 6, 27

transformação sociopolítica 8

V

valores comunitários 8

vida feliz 27, 33, 34, 36, 38

vida humana 19, 29

virtude 9, 13, 15, 27, 28, 30, 33



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 